

Relatos de experiência das ações de Extensão desenvolvidas nos projetos vinculados aos Comitês de Pesquisa e Extensão (Cope) do IFPR

Podcast "Quero ser cientista!" Promoção da socialização feminina nos espaços científicos

Palavras-chave: Representatividade feminina; Mulheres na ciência; Divulgação científica; Áreas STEM.

Camila Clozato Lara

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus Paranavaí*
ORCID ID [0000-0003-0461-0589](https://orcid.org/0000-0003-0461-0589)

Tatyane Caruso Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus Paranavaí*
ORCID ID [0000-0002-1935-4023](https://orcid.org/0000-0002-1935-4023)

Gustavo Sivieri de Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus Paranavaí*

Felipe Augusto Moreira Bonifácio

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus Paranavaí*



Figura 1 - Peças de divulgação do podcast "Quero Ser Cientista", episódio 03. Créditos: Gustavo Sivieri de Almeida.

INTRODUÇÃO

As mulheres apresentam, atualmente, significativa participação nos cursos universitários. Dados do Censo do Ensino Superior (MEC/INEP) de 2019 compilados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) mostram que a maioria dos/as estudantes concluintes em cursos de graduação presencial são mulheres, representando 59% do total. Embora os anos de estudo e acesso à educação básica e universitária de mulheres seja ligeiramente maior que dos homens (IPEA, 2015), os dados mostram que a proporção de mulheres entre os/as docentes de ensino superior no Brasil, considerando servidores/as afastados/as e em

exercício, é de 46,8%.

A série histórica estudada desde 2003 pelo MEC/INEP, que engloba dados de universidades, centros universitários, faculdades, Institutos Federais e CEFETs, demonstram que houve um aumento da incorporação de mulheres como docentes, mas que esse incremento foi de apenas 3,8% ao longo de 16 anos (IBGE, 2021). A região que apresenta maior disparidade é a Sudeste (41% de docentes mulheres), onde se encontram os centros de pesquisa de maior peso para a produção científica nacional, além de guardarem maior investimento em fomento para a ciência.

Não obstante, há significativamente menos

mulheres em posições de destaque na academia, chefiando grupos de pesquisa e departamentos, assumindo o posto de investigadoras principais e recebendo bolsas de produtividade acadêmica. Apenas 26% das bolsas de produtividade são concedidas às pesquisadoras. O denominado 'teto de vidro' - dificuldades que se apresentam para as mulheres com relação à ascensão profissional - revela-se no aspecto vertical da segregação das mulheres no ambiente de trabalho (OLINTO, 2011).

São muitos os fatores que impedem as mulheres de alcançarem posições mais altas na academia. Escolhas na carreira enviesadas por baixa representatividade, falta de senso de pertencimento, preconceito, microviolências de gênero, assédio moral e/ou sexual, maternidade e cuidado com os membros familiares são alguns dos empecilhos enfrentados por mulheres ao longo das carreiras científicas (BARROS & MOURÃO, 2020; SILVA & RIBEIRO, 2012).

Em alguns setores a dificuldade de penetração é ainda maior, devido a fatores combinados. Isso resulta em uma marcada assimetria na proporção de mulheres em algumas áreas de conhecimento do ensino superior, notadamente: Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (14,1% de mulheres); Engenharias (24%), Matemática e Estatística (39,7%) (IBGE, 2021; FELÍCIO, 2010). Esses campos de conhecimento representam as áreas STEM (acrônimo do inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Essa assimetria perfaz toda a carreira acadêmica, refletindo-se também nas bolsas de produtividade científica concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para pesquisadores/as com larga experiência.

O estudo de Guedes e colaboradores (2015) aponta que a maior parte dessas bolsas (74%) são concedidas às áreas de Ciências Exatas e da Terra, e Engenharias, sendo que, justamente nessas áreas há menor participação feminina, uma reprodução histórica do fenômeno da baixa representação feminina, totalizando apenas 23,3% do total. Algumas áreas específicas apresentam até mesmo uma regressão numérica dessa participação, como Astronomia, Ciência da Computação, Física, Geociências e Matemática. Dessas, destaca-se a Física, maior contemplada com número de bolsistas, e com menor presença de mulheres, área cuja participação feminina na concessão de bolsas para iniciação científica, mestrado e doutorado não experimentou crescimento algum por pelo menos dez anos seguidos (LIMA, *et al.* 2015).

A maioria das carreiras escolhidas por mulheres estão alocadas em campos do conhecimento mais tradicionalmente ligados à construção social da identidade feminina, conectados com a esfera do cuidado e da aprendizagem. Exemplos são os cursos de Psicologia, Linguística, Nutrição, Serviço Social, Fonoaudiologia e Enfermagem. De fato, uma das licenciaturas mais acessadas por mulheres é a Pedagogia, com 49,1% de

todas as matrículas. Isso converge com o fato de que 90% do corpo docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental é composto por mulheres (INEP, 2018).

O magistério primário se tornou uma profissão predominantemente exercida por mulheres desde os anos iniciais do século XX, e representou um novo campo para uma emancipação profissional e econômica, aceita pela sociedade vigente (ALMEIDA, 1998). Entretanto, o precário reconhecimento da mulher no meio acadêmico/científico, que advém da construção histórica das identidades sociais baseados em gênero, segrega as mulheres nas esferas social e política e as tornam invisíveis como sujeito, inclusive, da ciência (LOURO, 1997).

O ingresso feminino nas áreas STEM ainda é cercado de estereótipos que contribuem para a segregação das mulheres desse ambiente científico. A transformação desse panorama só é possível através de mudanças estruturais sociais, por intermédio de políticas públicas de incentivo e permanência, concomitantes às ações contínuas de conscientização por uma das vias de maior acesso à formação humana, o ambiente escolar. No que diz respeito às políticas públicas, Tonini e Araújo (2019) elencaram alguns dos mais importantes programas de incentivo à participação de mulheres e meninas nas áreas STEM promovidas pelo Estado brasileiro. Destacam-se o "Programa Mulher e Ciência", dedicado a atividades que despertam a vocação de alunas da educação básica



Foto 1 - Estudantes usufruindo do estúdio multimidiático no IFPR Campus Paranavaí. Crédito: Felipe Augusto Moreira Bonifácio.

através da chamada “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”, entre outras iniciativas desenvolvidas pelo CNPq, Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, Petrobras, Ministério da Educação e Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Na esteira da viabilização de ações que visam promover a equidade de gênero no âmbito das carreiras científicas, defendemos a necessidade de introduzir na ciência uma perspectiva de gênero visando a incorporação de uma consciência crítica social na formação de jovens cientistas. A análise de Silva & Ribeiro (2012) sobre narrativas de mulheres cientistas e a escolha de suas carreiras deixa evidente o papel importante da socialização das jovens:

A análise das narrativas evidenciou a escolha profissional das entrevistadas como uma decisão construída a partir de motivos pessoais que foram atravessados por incentivos familiares, por pessoas que se constituíram como referência, por determinadas representações da ciência e de cientista, por questões econômicas, pela possibilidade de inserção no mercado de trabalho, pelo status social de algumas profissões, entre outros aspectos, que se configuraram como condições de possibilidade para o ingresso das entrevistadas na ciência. Desse modo, chamamos a atenção para o papel de determinados artefatos culturais e instâncias sociais na constituição das participantes da pesquisa, que por meio de produção de discursos e práticas sociais ensinam maneiras de ser, pensar, agir, gostar, escolher, etc. Transitar nas narrativas das entrevistadas acerca das justificativas para a escolha profissional tem-nos possibilitado entender o sujeito como produzido nos acontecimentos que experiência cotidianamente, como, por exemplo, nos processos de socialização, nas brincadeiras, nas relações familiares, na interação com artefatos da cultura, entre outros. São eles que nos ensinam os significados que passamos a atribuir às “coisas” à nossa volta, às pessoas e a nós mesmos. Aprendemos, por exemplo, a gostar ou não de matemática e física, a querer ser professor(a) ou cientista, a interpretar as situações cotidianas, a fazer escolhas, entre outras aprendizagens (SILVA e RIBEIRO, 2012, p.188).

Com essa perspectiva e intuito, o presente relato expõe a experiência de produção e divulgação de uma série de podcasts que se propõe a entrevistar mulheres cientistas com carreiras de sucesso nacional e internacional visando alcançar as jovens estudantes dos cursos de ensino médio. Dessa forma, esperamos contribuir para uma escola mais igualitária e pautada em uma educação feminista, capaz de promover transformação social para as gerações futuras dos agentes protagonistas na ciência.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho foi promover a socialização em ciências das alunas do ensino médio, e, assim, inspirá-las às carreiras científicas, partindo do princípio da importância intrínseca da representatividade como espelho para construção de preferências e despertar de interesses sobre assuntos, saberes, e, em última instância, escolhas profissionais.

Como objetivos específicos, nos propusemos a (i) produzir uma série de episódios de podcasts de entrevistas com mulheres que apresentam carreiras científicas de relevo, especialmente nas áreas de conhecimento STEM, de forma a (ii) alcançar o interesse de escuta e reflexão das alunas do ensino médio, dos demais estudantes e da comunidade, e, por conseguinte; (iii) incentivar o debate no ambiente escolar sobre a representatividade feminina na ciência.

MÉTODOS

A concepção e elaboração dos podcasts é fruto do projeto “Quero ser cientista! - Meninas escutam mulheres cientistas: por uma socialização de meninas na ciência”, contemplado com auxílio pesquisador e bolsa de ensino médio pelo Programa Institucional de Apoio ao Extensionista (Piae/Pibex Jr. - Diext/Proeppi). A produção se deu em parceria com o projeto “PodEducar em Direitos Humanos: diversidade e cibercultura no contexto escolar”, igualmente contemplado com auxílio pesquisador e bolsa de ensino médio, e com o grupo “T.E.I.A - Tecnologia, Educação, Informação e Arte”, todos baseados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) *Campus Paranavaí*.

O *Campus Paranavaí* conta com um estúdio multimidiático (Foto 1), provido de equipamentos para produção audiovisual, ilha para gravação de podcasts e estação de edição de vídeo e som. A operação dos equipamentos fica a cargo do grupo T.E.I.A, que oferece apoio técnico em todos os estágios da produção. Os/as bolsistas do grupo (alunos/as dos cursos técnicos integrados ao ensino médio) auxiliaram na elaboração da identidade visual, na estratégia de divulgação, nos processos de gravação, edição e finalização dos episódios. Todas as etapas da produção foram feitas de forma integralizada com os projetos envolvidos, passando pela concepção estética ao conteúdo que seria abordado.

A realização do projeto iniciou com a seleção de mulheres cientistas que demonstram uma trajetória científica de grande impacto, que possuem reconhecimento por seus pares no âmbito nacional e internacional, e que tenham diferentes vivências das carreiras científicas para partilha de experiências, que pudessem, dessa forma, atizar a curiosidade das alunas. Na medida que o contato foi estabelecido e as convidadas se mostraram receptivas, as coordenadoras do projeto programaram uma agenda de gravações, de acordo com a disponibilidade das pesquisadoras.

É importante ressaltar que o projeto foi executado entre os anos de 2021 e 2022, e, no seu início, ainda vigorava no IFPR o ensino remoto emergencial, que restringia o uso dos espaços em comum como medida profilática de combate à propagação de COVID-19. Por essa razão, a gravação dos podcasts foi planejada para ser executada de forma inteiramente remota. Todas as gravações foram feitas pela plataforma Google Meet, vídeo e som foram salvos para posterior edição. Essa característica facilitou a participação de pesquisadoras que residem em diferentes estados no Brasil e no exterior.

A fim de ampliar a participação das alunas e de trazer protagonismo para a atuação da bolsista, a cada novo episódio a ser gravado, uma aluna bolsista coletou, junto às turmas de ensino médio, perguntas dos/as estudantes sobre as convidadas. Um formulário eletrônico contendo uma minibiografia das pesquisadoras foi compartilhado com as turmas, e as perguntas que surgiram dos/as alunos/as foram trazidas para a entrevista.

Os roteiros de entrevistas semiestruturadas foram compartilhados com as convidadas, que foram orientadas a discorrer livremente sobre suas experiências. Participaram das gravações as coordenadoras do projeto, a bolsista e a cientista convidada. Cada episódio foi finalizado com uma dica da entrevistada para alunas aspirantes às carreiras científicas.

A edição dos podcasts foi realizada com o apoio do projeto PodEducar, utilizando a estação de edição: um computador Apple Mac Pro com software de edição de som Logic Pro, mesa de som, fones de ouvido e monitores

de som. O aluno bolsista produziu a vinheta de abertura a partir de *presets* disponíveis no software, livres de direitos autorais, realizou o tratamento do som, o corte do material excedente e a mixagem final. O design gráfico foi elaborado no site de produção gráfica Canva.

Os episódios finalizados foram lançados na plataforma YouTube, hospedados pelo canal do Laboratório Inter e Multidisciplinar de Ensino, LABIEN, estrutura virtual do laboratório homônimo do IFPR *Campus* Paranavaí. O canal conta com mais de 700 inscritos, já hospeda mais de 60 vídeos, e foi uma importante ferramenta para a comunicação e realização de eventos virtuais durante a pandemia de COVID-19, desde 2020. Concomitante ao lançamento dos episódios no canal do LABIEN, peças de divulgação foram criadas e veiculadas nas redes sociais do IFPR *Campus* Paranavaí, no Instagram, Facebook e grupos de turmas no Whatsapp. Desse modo, projetamos expandir o alcance dos episódios para a comunidade.

RESULTADOS

Foram produzidos cinco episódios do podcast denominado "Quero ser Cientista!". Os episódios tiveram duração de média de 60 minutos e contaram com a participação de um arranjo diverso de cientistas mulheres com carreiras de alta visibilidade, nas áreas da Biologia, Química, Física, Paleontologia e Informática. A Tabela 01 disponibiliza a lista dos episódios gerados e as respectivas convidadas.

Tabela 01 - Episódios e convidadas da primeira temporada do podcast "Quero ser Cientista!"

Ep.	Área/Tema	Convidada	Instituição	Link
1	Conservação da Biodiversidade	Juliana Vianna	<i>Pontificia Universidad Católica de Chile</i> - Chile	https://www.youtube.com/watch?v=KCZ6k0X6dxo
2	Química de coordenação	Juliana Paula da Silva	Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=Heuhw_Hmr8o
3	Paleontologia	Taíssa Rodrigues Marques da Silva	Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=RBmq8oIRQIk&t=2275s
4	Bioinformática	Camila Mazzoni	<i>Leibniz-Institut für Zoo- und Wildtierforschung - Alemanha</i>	https://www.youtube.com/watch?v=6N-ltFZ_WjI&t=24s
5	Física e Nanotecnologia	Bárbara Hissa de Carvalho Vieira Couto	<i>Beilstein-Institut - Alemanha</i>	https://www.youtube.com/watch?v=icOHph05m1Q&t=1s

Cada um dos episódios conseguiu explorar aspectos da vida acadêmica das cientistas, suas trajetórias, incentivos e barreiras no desenvolvimento da carreira, escolhas pessoais e profissionais, oportunidades, vivências no exterior, entre outros. Sobremaneira, discutiu-se paulatinamente as dificuldades relacionadas às questões de gênero: baixo acesso de mulheres na carreira,

limitações advindas do sexismo na academia, problemas com assédio e preconceito, atribuições devido ao acúmulo de jornadas e assimetria de trabalho decorrentes da maternidade.

O episódio 2, por exemplo, contou com a participação da pesquisadora Juliana Paula da Silva, que atua como embaixadora no Brasil do movimento

Parent in Science, grupo que levanta a discussão sobre o impacto da parentalidade na carreira científica, e a convidada pôde partilhar suas percepções a partir de dados e ações do programa.

No terceiro episódio, quando participou a pesquisadora Taíssa Rodrigues, pudemos trilhar também a conexão entre a cultura da ficção científica e sua âncora na ciência, pela experiência da convidada a partir de seu próprio podcast "Cinema com Ciência", onde debateu diversos filmes, como GATTACA, Alien, Jurassic Park, entre outros. Além disso, Taíssa abordou também sua atuação no coletivo Mulheres na Paleontologia (Paleomulheres), que estuda questões de gênero e representação de diversidade na área.

Tivemos especial cuidado em trazer uma convidada na área da Física, que, como exposto previamente, é uma das áreas com menor participação de mulheres. Nossa convidada do episódio 5, Bárbara Hissa, contou sobre sua experiência no curso de graduação, desde sua escolha até a conclusão, e o desenvolvimento da pesquisa com nanotecnologia. Bárbara presenteou os/as ouvintes dividindo seu conhecimento sobre o mundo editorial dos periódicos científicos, pois exerce o cargo de diretora do periódico *Beilstein Journal of Nanotechnology*, e explicou o mecanismo de produção e de avaliação de um artigo científico, o que é de grande valia para estudantes que desejam seguir carreiras acadêmicas.

Em termos de incentivo ao desenvolvimento das carreiras acadêmicas, todas as cientistas foram unânimes ao afirmar que uma das vantagens da profissão são as viagens, oportunidades de vivências em estágios, congressos, períodos curtos de investigação, mestrado, doutorado e até mesmo estabelecimento permanente da carreira no exterior. A riqueza das experiências ao redor do mundo e das conexões com pessoas em outros lugares e culturas foi, certamente, um dos aspectos mais comemorados da ocupação, e que despertam, sem dúvida, o olhar desejoso de muitas jovens estudantes.

Esse aspecto foi especialmente celebrado pela convidada do primeiro episódio, Juliana Vianna, que é docente na Pontifícia Universidad Católica de Chile. A cientista reside em Santiago do Chile, mas já teve a oportunidade de conhecer até mesmo a Antártica, um dos cantos mais remotos do planeta, no seu estudo sobre a diversidade populacional e conservação de aves no continente. Do mesmo modo, a bioinformata Camila Mazzoni (episódio 4) ressaltou suas experiências culturais e profissionais nos laboratórios nos quais trabalhou na Irlanda e na Alemanha, nesta última, sua atual ocupação como pesquisadora em Berlim.

Após editados e finalizados, os episódios foram publicados no canal do LABIEN, e difundidos por meio de

peças de divulgação marcadas pela identidade visual elaborada para o projeto, com menções aos projetos parceiros e colaborações. O perfil de Instagram do IFPR *Campus Paranavaí* conta com mais de 3500 seguidores, enquanto o perfil do Facebook soma cerca de 6500 seguidores, o que permite um bom alcance aos estudantes e à comunidade. O número de acessos aos episódios via YouTube variou de 37 a 91 visualizações, e todos receberam "curtidas" do conteúdo. Comentários positivos e elogios à iniciativa surgiram de dentro da comunidade do Instituto, bem como a partir de ligações externas.

A boa receptividade ao conteúdo gerado estimulou a equipe a produzir mais episódios. Como continuidade, pretendemos entrevistar mulheres cientistas de áreas ainda não contempladas nessa temporada, como investigadoras de matemática e de ciências humanas. Além disso, produziremos episódios com meninas que realizam iniciação científica em projetos de pesquisa, e já vivenciam o fazer da ciência, firmando sua posição nos espaços acadêmicos. Finalmente, temos também a intenção de disponibilizar os episódios na plataforma Spotify, para facilitar o alcance ao público.

CONCLUSÃO

Relatamos a experiência do desenvolvimento, produção, edição, divulgação e recepção do podcast "Quero ser Cientista!", dedicado a entrevistar cientistas mulheres com carreiras de sucesso nas ciências. O envolvimento dos/as alunos/as bolsistas e voluntários/as na equipe e as conversas valiosas vivenciadas com as cientistas convidadas demonstraram que há espaço, interesse e engajamento para atividades voltadas às discussões de gênero no âmbito escolar, que perpassam grandes questões da sociedade. Esperamos ter contribuído para o estímulo à escolha por carreiras científicas pelas meninas dos cursos de ensino médio, contribuindo para sua maior socialização em ciências ao longo da trajetória na escola.

É preciso que a sociedade encoraje as meninas a se engajarem como exploradoras, questionadoras e, enfim, cientistas. Isso exige um processo de mudança que promova a socialização dessas meninas e mulheres na ciência, um movimento que, certamente, depende e se beneficia de uma cultura escolar voltada para a educação feminista.

Desejamos que a iniciativa possa cooperar para a maior entrada de meninas nos cursos universitários majoritariamente ocupados hoje por homens, alcançando, ao longo do tempo, posições de destaque nesses espaços. Esperamos que, dessa forma, haja um impacto social transformador que balanceie a sub-representação feminina nesses ambientes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BARROS, SCV & MOURÃO, L. **Trajetória Profissional de Mulheres Cientistas à luz dos estereótipos de gênero.** Psicol. Estud., v. 25, e46325, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QYy5XZ85FTLFZvcr7znhbpl/?lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FELÍCIO, JRD. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. In: **Pensando gênero e ciência.** Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa – 2009, 2010/ Presidência da República – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 45-52, 2010.

GUEDES, MC, AZEVEDO, N, FERREIRA, LO. **A produtividade científica tem sexo?** Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. Cadernos Pagu, v.45, p.367-399, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3PPQWwQPCxGBSm3zXQfnMvD/abstract/?lang=pt>. Acesso em 17 abr. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero:** indicadores sociais das mulheres no Brasil / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em 10 abr. 2023.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** 2015 - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>. Acesso em 05 mar. 2023.

LIMA, BS, BRAGA, MLS, TAVARES, I. **Participação das mulheres nas ciências e tecnologias:** entre espaços ocupados e lacunas. Revista Gênero. v.16, n.1, p.11-31, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31222>. Acesso em 17 abr. 2023.

LOURO, GL. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inc. Soc., Brasília, DF, v.5, n.1, p.68-77, 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em 05 mar. 2023.

SILVA, FF & RIBEIRO, PRC. **A inserção das mulheres na ciência:** narrativas de mulheres cientistas sobre a escolha profissional. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.18, n.35, p.171-191, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312012000100011. Acesso em 10 abr. 2023.

TONINI, AM & ARAÚJO, MT. **A Participação das Mulheres nas Áreas de STEM** (Science, Technology Engineering And Mathematics). Revista de Ensino de Engenharia, v.38, n.3, p.118-125, 2019. Disponível em: <http://revista.educacao.ws/revista/index.php/abenge/article/view/1693>. Acesso em 17 abr. 2023.

Ouvir as histórias inspiradoras de mulheres cientistas que superaram desafios e alcançaram o sucesso foi uma experiência incrível. Acredito que essas histórias podem ser motivadoras para mulheres que buscam uma carreira na ciência. Além disso, criar a identidade visual e editar o podcast foi estimulante para mim. Pude desenvolver minhas habilidades em design gráfico e edição de áudio. Saber que estou contribuindo para um projeto importante para a sociedade acadêmica, que busca promover a diversidade e a igualdade de gênero na ciência, é algo que me enche de orgulho e satisfação.”

Gustavo Sivieri de Almeida